

O Matriz no Museu Nacional de Arqueologia

Margarida Chorão de Carvalho *, Adolfo Silveira Martins **

Resumo

Pretende-se com a apresentação deste trabalho fazer um breve historial do projecto MATRIZ, lembrando alguns dados sobre a sua génese e focando a sua implementação e desenvolvimento no Museu Nacional de Arqueologia. De um modo sucinto abordam-se as principais dificuldades sentidas no decorrer do processo – nomeadamente as que se prendem com a adequação da aplicação informática às especificidades de um museu de arqueologia – e as perspectivas que se abrem actualmente com as alterações de fundo entretanto introduzidas no programa.

Abstract

The paper presents a brief history of the MATRIZ project, reminding some details about its origin within the Instituto Português de Museus and its introduction in the Museu Nacional de Arqueologia. The authors then analyse the reluctance and hesitancy of the museum workers in these early stages in face of a hardly friendly and time consuming application, which usefulness was not evident to them. But some great changes are on the way, both in the application itself and in the mentalities, and they hope that the museum's automation will be a reality in a few years.

* Técnica superior do IPM.

** Técnico superior do MNA.

Marilene Chaves de Carvalho*, Adolfo Silveira Martins**

Resumo

Trata-se de um trabalho de caráter teórico, com o objetivo de apresentar uma visão geral do projeto MATRIX, abordando alguns aspectos sobre a sua origem e formação, os objetivos e o desenvolvimento no Museu Nacional de Arqueologia. De um modo sucinto, abordam-se as principais dificuldades encontradas no decorrer do processo – inicialmente as mais se prendem com a obtenção da informação e especificação de um número de arqueólogos – e as perspectivas que se abrem atualmente com a obtenção de dados científicos introduzidos no programa.

Abstract

The paper presents a brief history of the MATRIX project, mentioning some details about its origin within the Institute, its goals, its structure and its introduction in the Museu Nacional de Arqueologia. The authors then analyze the difficulties and the main problems encountered in their early stages in face of a fairly broad knowledge of the program, which highlights some not related to them. But some great changes are on the way, both in the application itself and in the methodology, and they hope that the museum's introduction will be a reality in the future.

1. Breve história do Matriz

Com o apoio financeiro obtido através do programa TELEMATIQUE – uma iniciativa comunitária para o desenvolvimento regional de serviços e redes de comunicação de dados que decorreu entre 1991 e 1993 – iniciou o Instituto Português de Museus (IPM) um projecto de informatização dos estabelecimentos sob a sua tutela.

Esse projecto, actualmente ainda em curso, implicou a concepção de uma aplicação a que foi dado o nome de MATRIZ e a compra de equipamento e respectiva instalação nos diversos museus dependentes¹.

Embora a intenção dos responsáveis pelo IPM, expressa inclusive em documentos internos que circularam na altura, fosse a de envolver logo na fase inicial do projecto os técnicos dos museus sob a sua tutela, a verdade é que, por razões que se prenderam porventura com a necessidade de acelerar o processo, a concepção e o desenvolvimento do programa MATRIZ decorreram perante o alheamento total ou quase total dos profissionais aos quais se destinava.

Com efeito, submetida a candidatura ao referido programa comunitário, em Junho de 1992, e decorridas as várias etapas previstas – desde a respectiva aprovação, passando pelo concurso público, pela selecção de propostas de fornecimento e pela autorização do Tribunal de Contas – a primeira apresentação do MATRIZ aos museus do IPM foi feita em Novembro do ano seguinte, numa reunião alargada que teve lugar no Museu Monográfico de Conímbriga. Seguiu-se a constituição de uma “Estrutura de Projecto” (Dezembro de 1993), formada por uma “Direcção do Projecto”, uma “Comissão Executiva” e um “Conselho Consultivo”, integrando estes dois últimos órgãos os técnicos a indicar pelos directores de cada museu e que, em princípio, acompanhariam de perto a evolução do processo, tomando parte nomeadamente nas respectivas reuniões².

Alguns meses depois foi convocada de novo uma reunião aberta a todos os directores, eventualmente acompanhados por técnicos dos respectivos

¹ A concepção da aplicação foi feita em colaboração com a empresa SMD Informática.

² V. Despacho N.º 33/DIR/IPM/93.

museus, a fim de os pôr ao corrente do estado de andamento do processo. Nessa reunião, que teve lugar em Maio de 1994 no Museu Nacional do Azulejo, foi anunciado que a aplicação MATRIZ se encontrava pronta a entrar em fase de testes, para os quais se solicitava a colaboração dos profissionais. E ficou bem patente nessa ocasião, através das questões postas num breve período que se seguiu à apresentação das linhas mestras do programa, que a maioria das pessoas presentes estava a ser confrontada com este pela primeira vez.

Para a realização dos testes, e eventuais sugestões de alteração consideradas pertinentes, foi reservada apenas uma semana, durante a qual todos os técnicos interessados nessa primeira avaliação do programa deveriam deslocar-se à sede do IPM, em Lisboa, em qualquer dia e hora a combinar.

Não obstante as condições referidas, pouco adequadas para a realização de testes conclusivos, foram colocadas ainda assim algumas objecções, nomeadamente por parte de técnicos de museus com colecções de arqueologia e de etnologia, cujas características não tinham sido tidas em conta na concepção do programa. Na verdade, e embora se destinasse ao universo dos museus do IPM independentemente das respectivas especialidades, a primeira versão do MATRIZ tinha sido quase exclusivamente pensada para inventariar colecções do domínio das artes, não contemplando por exemplo dados tão indispensáveis como os que se referem a circunstâncias dos achados, às coordenadas dos locais de achado, a grupos étnicos, etc.

Dera-se início, entretanto, à introdução do equipamento informático nalguns museus, operação demorada que implicou a selecção dos locais onde seriam colocados os diferentes computadores e a instalação dos cabos que os ligariam ao servidor, de modo a funcionarem em rede³.

E finalmente, introduzidas as alterações de estrutura suscitadas pelos escasos testes realizados, iniciou-se nos começos do ano de 1995 a fase de instalação do programa MATRIZ nos diferentes museus tutelados pelo IPM. No caso concreto do Museu Nacional de Arqueologia, a instalação teve lugar no mês de Março desse mesmo ano.

2. O Matriz no Museu Nacional de Arqueologia

Passados que foram mais de quatro anos sobre o nascimento do programa MATRIZ, pensamos que será útil fazer-se uma reflexão sobre o modo como se tem processado a sua implementação nos museus do IPM. Embora a análise a que vamos proceder seja feita com base no caso particular deste Museu, julgamos que, no fundamental, os problemas surgidos terão sido idênticos na generalidade dos outros organismos.

As primeiras reacções ao programa constituíram um misto de curiosidade e de desconfiança: curiosidade porquanto se tratava efectivamente de um novo instrumento de trabalho; desconfiança pela natural tendência de resistir à mudança que qualquer inovação suscita na maioria das pessoas.

³ No caso do MNALV, as opções tomadas quanto à localização dos postos de rede não contemplaram as reservas, sendo esta uma lacuna que naturalmente muito dificulta a verificação dos dados introduzidos no MATRIZ.

Contrariamente ao que seria de esperar, não houve uma acção de formação consistente do pessoal que viria a ser implicado directa ou indirectamente no processo de informatização: o programa foi instalado num único computador e ao longo de algumas horas foram sendo mostrados os vários écrans da aplicação e o modo de navegar entre eles, de preencher os respectivos formulários, enfim, de inventariar um objecto com a nova ferramenta.

Ora, atendendo à escassa ou nula preparação que a maioria das pessoas possuía então no que diz respeito a informática e à necessidade de adaptação a qualquer aplicação desconhecida que mesmo alguém com alguma prática não pode dispensar, o resultado foi o de que os técnicos se viram confrontados com um programa com o qual sentiam bastantes dificuldades em trabalhar e que nem sequer se fazia acompanhar de um manual de instruções.

Acresce que a aplicação era – e ainda hoje é, pesem embora as alterações entretanto introduzidas – muito pouco convidativa, requerendo o preenchimento de cada ficha, e portanto a inventariação de cada objecto do Museu, uma multiplicidade de operações e o dispêndio de um tempo considerável. A título exemplificativo, poderemos adiantar que a simples inserção de uma imagem numa ficha implica actualmente dezoito *clicks* com o rato em sucessivas janelas de diálogo, para além de outras operações de permeio como as de digitar algumas informações e de seleccionar certas opções. Por outro lado, os dados comuns a várias fichas têm que ser inseridos tantas vezes quantas as que forem necessárias, porquanto não é possível uma simples duplicação automática.

De sublinhar igualmente que não foram propostas na altura quaisquer normas para o preenchimento das fichas, deixando-se ao livre arbítrio de cada um dos responsáveis a resolução de problemas como, por exemplo, o do estabelecimento das categorias de classificação, a terminologia a utilizar, etc. Tal facto inviabilizaria à partida o diálogo entre as diferentes bases de dados criadas, uma vez que os critérios subjacentes só por mera coincidência seriam idênticos.

Perante estas dificuldades, que começaram a ser detectadas nos primeiros contactos com o programa, e perante a ausência de uma sensibilização que tornasse evidente a sua utilidade no dia a dia do Museu, não surpreende que a maioria das pessoas só muito relutantemente e sem grande convicção se dispusesse a proceder à tarefa de carregar o MATRIZ.

Cabe aqui apontar um outro factor que muito tem contribuído quer para o relativo alheamento dos técnicos quer para o ritmo extremamente lento a que tem progredido este projecto: a escassez crónica de pessoal com que se defronta a generalidade dos museus do IPM, em contraste com a multiplicidade de tarefas que lhe estão cometidas. No caso concreto deste Museu – que neste aspecto não é certamente diferente dos demais – os poucos técnicos sobre quem recairia naturalmente a responsabilidade da informatização dos registos estão demasiado sobrecarregados com as suas ocupações do dia a dia, como a preparação e montagem de exposições ou o atendimento e o acompanhamento de estudantes e investigadores que solicitam com frequência o acesso a colecções do seu acervo. E a entrada do MATRIZ no Museu, com a compreensível vontade do IPM para que se fizesse o respectivo carregamento, não foi acompanhada do reforço de pessoal indispensável para o avanço do processo ao ritmo pretendido.

A este respeito torna-se necessário sublinhar que o que importa não é apenas carregar o MATRIZ e ir somando fichas preenchidas, com o objectivo de se

chegar ao fim de cada mês e poder dizer-se que ‘tal’ museu inventariou ‘tantas’ peças. Verdadeiramente importante é apurar-se se esse preenchimento foi feito com rigor e qual a utilidade que esse trabalho irá ter no futuro.

Nestas condições, ou seja, tendo em conta a notória falta de disponibilidade do pessoal existente, tem-se recorrido a jovens que voluntariamente se oferecem para desempenhar uma actividade que lhes proporcione alguma experiência profissional, e aos quais se entrega a tarefa de preencher as fichas do MATRIZ a partir dos dados constantes dos catálogos de exposições existentes. Ditada pelas circunstâncias, esta opção teve como vantagem o facto de assim se entregarem aos jovens dados que basta transcrever *ipsis verbis*, não se tornando pois necessário qualquer acompanhamento durante o desempenho dessa tarefa.

Sucedem porém que esses catálogos, preparados normalmente por ocasião de exposições que tiveram lugar no Museu, contêm apenas, para além das informações mínimas como sejam os números de inventário, designação, dimensões, etc. de cada objecto, um texto interpretativo mais ou menos aprofundado, da autoria do ou dos especialistas convidados para fazer o estudo da colecção. Não incluem pois – e nem tal se justificaria – a totalidade da informação que sobre o mesmo objecto se foi acumulando, ao longo dos anos, nos registos manuais existentes na instituição, ou seja, o respectivo historial. Mas, se não se justificam num mero catálogo de exposição, tais elementos constituem parte integrante de um sistema de registos, seja ele manual ou informatizado.

No Museu Nacional de Arqueologia estão actualmente preenchidas na base de dados MATRIZ perto de duas mil fichas, que necessitam contudo, pelas razões expostas, de ser revistas e completadas⁴.

Acresce ainda que, na maior parte dos casos, não se fez a inserção das respectivas imagens, o que se ficou a dever a uma opção inicial do IPM quanto a essa matéria. Na realidade, pretendia-se que o MATRIZ possibilitasse a publicação expedita de catálogos, o que pressupunha que apenas se inserissem imagens de grande qualidade cuja obtenção não estava ao alcance da generalidade dos museus. Esta questão parece no entanto já ultrapassada, pelo que se iniciou nesta altura a tarefa de colmatar tal lacuna.

3. Novas perspectivas

O futuro do projecto MATRIZ está nas mãos dos responsáveis do IPM e de todos os técnicos que com ele trabalham ou venham a trabalhar em cada um dos museus dependentes.

Da parte dos primeiros, é patente o esforço desenvolvido nestes últimos tempos no sentido de colmatar algumas das maiores deficiências e lacunas de que enfermava o programa.

O primeiro sinal de mudança surgiu no início do ano passado, num documento de trabalho interno em que se focava, embora ainda de um modo incipiente, a questão da normalização⁵. Trata-se de facto de um problema cuja

⁴ Dados que se referem ao início do mês de Junho de 1999.

⁵ V. IPM / DSI / Abril 98.

resolução não havia sido considerada prioritária no início do projecto, e que recentemente foi já alvo de duas publicações por parte do IPM⁶.

Outra alteração importante e bastante positiva foi a da inclusão de um "módulo de gestão" numa versão do MATRIZ anunciada para breve, o que implica que tenha sido feita uma opção em termos de filosofia de base do programa. De facto, na versão hoje conhecida o MATRIZ é uma aplicação fundamentalmente vocacionada para o inventário e o catálogo, contemplando embora alguns aspectos relacionados com a gestão das colecções.

A nova versão possuirá ainda um interface mais intuitivo e nela estarão já modificados certos campos cujo preenchimento levantava alguns problemas⁷. A estes melhoramentos não terá sido decerto alheia a mudança a que se tem vindo a assistir ultimamente no país em termos da oferta de aplicações informáticas dirigidas ao sector do património.

Por outro lado, parece detectar-se por parte do IPM uma maior abertura ao diálogo com os técnicos dos museus, cuja colaboração se torna indispensável se se quiser levar a bom termo a efectiva informatização dos respectivos acervos.

Importará contudo não esquecer que, como qualquer outra aplicação informática, o programa MATRIZ não é um fim em si mesmo, mas um meio para se atingir um determinado objectivo.

Como é sabido, os museus são responsáveis por um património que não lhes pertence mas que a comunidade lhes confia, exigindo-lhes que o conserve, o estude e o divulgue. À comunidade cabe dar aos museus os meios para desempenharem cabalmente as suas funções, ao mesmo tempo que lhe assiste o direito de poder aceder, directa ou indirectamente, aos bens que neles depositou.

A correcta gestão do acervo de um museu constitui um dos maiores desafios que se colocam aos profissionais desta área, sobretudo se tivermos em mente instituições de grandes dimensões e com uma existência já longa, como esta em que nos encontramos, e se tivermos em mente não só os objectos tridimensionais mas também toda a informação incorporada que com eles se articula, complementando-os. Questões aparentemente tão simples como as de saber quantos objectos existem, onde se encontram, como foram adquiridos ou qual o seu estado de conservação, ou ainda qual o respectivo significado e contexto, constituem frequentemente um verdadeiro quebra-cabeças para os responsáveis por este tipo de instituições.

Ora hoje em dia os profissionais dos museus já se aperceberam de que uma aplicação informática adequada não só simplifica o trabalho como constitui mesmo uma condição necessária para a gestão do vasto património que constituem os seus acervos, incluindo aqui o seu estudo e a sua divulgação. Mas a

⁶ Foram até agora publicados dois cadernos referentes a "normas gerais, artes plásticas e artes decorativas" e "têxteis", anunciando-se para breve os de "cerâmica / cerâmica de revestimento", "escultura / talha", "etnologia / alfaia agrícolas" e "pintura".

⁷ Posteriormente à apresentação desta comunicação, o IPM anunciou (em meados de Setembro) que estava em preparação uma nova versão do MATRIZ que, para além da inclusão de novos campos como os do "módulo de gestão", terá como característica principal uma maior facilidade de utilização. De acordo com a apresentação que foi feita, tratar-se-á efectivamente de um novo MATRIZ, mais ágil e mais amigável, que conquistará por certo um maior número de adeptos que o seu antecessor. A sua instalação nos museus está prevista para o início do ano 2000.

aplicação, como é óbvio, só funcionará plenamente após a introdução correcta dos dados. Por isso julgamos importante que, no que diz respeito ao MATRIZ e no caso particular do Museu Nacional de Arqueologia, sejam tidas em atenção algumas questões de cuja resolução estará dependente o sucesso deste projecto de informatização:

- Os melhoramentos já anunciados, como o novo interface, a alteração de alguns campos e a agregação do “módulo de gestão” deverão estar disponíveis no mais curto espaço de tempo, o que tornará muito mais célere e mais proveitoso o carregamento dos dados.
- Também se torna urgente a publicação dos restantes cadernos de normas de inventário, nomeadamente as que se referem a colecções de arqueologia.
- Deverá ser instalado pelo menos um posto de rede na reserva principal do MNALV, dado que os que existem de momento estão todos a uma distância considerável desta e num piso diferente, tornando difícil a verificação de dados quando esta implica a presença dos objectos.
- O investimento avultado feito na aplicação informática e no equipamento justifica também algum investimento em pessoal, que deverá ser reforçado. Haverá que ter em conta, no entanto, que a operação de carregamento do MATRIZ exige alguma preparação, uma vez que as fontes de informação neste Museu são muitas e dispersas e há que fazer a sua compilação.
- Tal como em outros museus de uma certa dimensão, também neste existem lacunas no inventário: objectos de que existem registos mas que se encontram tecnicamente perdidos ou objectos sobre os quais não se encontra qualquer informação. A resolução deste problema passa por uma pesquisa minuciosa nas reservas e nos arquivos do Museu, sistematicamente adiada atendendo à escassez de pessoal já referida e à exiguidade das áreas funcionais destinadas a esse fim. Pensamos que, com o reforço de pessoal mencionado, esta seria uma boa oportunidade de se tentar colmatar as referidas lacunas.

Se os pressupostos agora enunciados se verificarem, estamos certos de que os benefícios serão sentidos por toda a gente.

Sê-lo-ão, em primeiro lugar, pelo próprio pessoal do Museu, que passará a poder dispor de um instrumento de trabalho que lhe irá facilitar as rotinas do dia a dia – monitorização dos objectos, preparação e montagem de exposições, etc. – e lhe permitirá dar resposta em tempo útil às solicitações de investigadores, estudantes e público em geral. Julgamos mesmo que será a constatação dessa realidade que acabará por transformar o modo como é encarado o MATRIZ: não já como uma obrigação, como até aqui, mas como uma oportunidade que se torna necessário aproveitar.

Com base nos dados entretanto introduzidos, tornar-se-á possível disponibilizar gradualmente a consulta virtual dos acervos por parte da generalidade do público e dos especialistas em particular, quer localmente – em postos colocados dentro do edifício – quer através da Internet.

Outra vantagem não menos importante será a possibilidade de estabelecer diálogo com outros museus da especialidade, tanto mais facilitada quanto maior

for o grau de normalização atingido no tratamento da documentação. A este propósito será talvez interessante recordar que é graças a um sistema de classificação e de nomenclatura estabelecido em meados do século XVIII pelo botânico sueco Carl Linné, para o domínio da biologia, que ainda hoje especialistas de todo o mundo conseguem fazer-se entender e partilhar conhecimentos.

Para concluir, afigura-se-nos oportuno recordar que foi recentemente anunciada pelo Ministro da tutela a remodelação da parte do edifício dos Jerónimos que o Museu Nacional de Arqueologia ocupa desde o início deste século. Trata-se de uma remodelação cuja necessidade se vinha fazendo sentir desde a sua criação e que poderá dotar esta instituição centenária de instalações condizentes com o seu estatuto e papel no contexto nacional.

Se tudo se processar dentro dos prazos actualmente previstos, o “novo” Museu abrirá as suas portas entre o ano 2003 e 2006. Até lá, e se for feito um esforço nesse sentido, julgamos que o processo de informatização de todo o seu acervo poderá estar também numa fase bastante mais adiantada. Teremos então o orgulho de assistir ao renascimento de um organismo que se orgulha do seu passado mas que soube modernizar-se e entrar plenamente, em termos de concepção e métodos de trabalho, no milénio que se avizinha.

Outubro de 1999

Bibliografia

ALARÇÃO, T.; PEREIRA, T. P. (1999) – *Têxteis*. [Lisboa] : IPM. 78 p. (Normas de inventário).

PERKINS, J. (1994) – Un nouveau départ: L'ordinateur au musée. *Museum International*. Paris. 181, v. XLVI (1).

PINHO, E. G.; FREITAS, I. da C. (1999) – *Normas gerais: Artes plásticas e artes decorativas*. [Lisboa] : IPM. 95 p. (Normas de inventário).

RAIKES, S. (1996) – Is collection management an “art” or a “science”? Discussed with reference to recent standards setting initiatives in the United Kingdom. *Journal of Conservation & Museum Studies*. 1, May.

<http://www.ucl.ac.uk/archaeology/conservation/jcms/>.

SARASAN, L. (1995) – Why Museum Computer Projects Fail. In FAHY, A., ed. – *Collections Management*. London and New York: Routledge. (Leicester Readers in Museum Studies).

WELSH, P. H.; LEBLANC, S. A. (1987) – Computer literacy and collections management. *Museum News*. Washington. June. p. 42-51.

WILLIAMS, D. (1987) – *A guide to museum computing*. Nashville, Tennessee: The American Association for State and local History.

